



Matricídio e capitalismo videofinanceiro

Gilberto Felisberto Vasconcellos¹

Resumo

A formulação essencial deste artigo é que a agressividade e a violência contra a mulher, em sua morfologia misógina e feminicida, remontam à questão milenar do matricídio. Do que se trata, contudo, aqui não é o assassinato da mãe como metáfora e mito, e sim o matricídio observável no cotidiano do capitalismo videofinanceiro. O fenômeno é interclassista, ainda que os mais prejudicados sejam os pobres com os seus filhos que dependem do leite materno.

Palavras-chave: Matricídio, Seio materno, Família.

Matricidio y capitalismo videofinanciero

Resumen

La premisa esencial de este artículo es que la agresión y la violencia contra las mujeres, en sus formas misóginas y feminicidas, se derivan del antiguo problema del matricidio. Sin embargo, lo que se discute aquí no es el asesinato de la madre como metáfora y mito, sino el matricidio observable en la vida cotidiana del capitalismo videofinanciero. El fenómeno es interclasista, aunque las más afectadas son las personas en situación de pobreza con hijos que dependen de la lactancia materna.

Palabras-clave: Matricidio, Pecho materno, Familia.

Matricide and video-financial capitalism

Abstract

The essential formulation of this the article is that both aggressiveness and violence against women, in their misogynistic and femicidal morphology, are related to the ancient issue of matricide. The investigated topic, however, is not the murder of the mother as a metaphor and a myth, but rather the visible matricide in the daily life of video-financial capitalism. This phenomenon is interclassist, even though poor people and their children who are reliant on maternal breast milk are the most affected ones.

Key words: Matricide, Maternal breast, Family.

¹ Graduação em Ciências Sociais (1972) e doutorado pela Universidade de São Paulo (1977). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: gilbertovasconcellos@yahoo.com.br

Creio indispensável esclarecer o significado do título deste artigo que tem por escopo focalizar na atualidade os nexos entre violência e sociedade. A palavra matricídio em estado de dicionário significa matar a própria mãe, o que remete por associação a parricídio, que é a hipótese lançada por Sigmund Freud acerca dos primórdios da civilização humana. (FREUD, 2013). Segundo o criador da psicanálise na horda primitiva os irmãos confabularam-se para assassinar o pai déspota, de que resultou um sentimento de culpa introjetado no inconsciente dos filhos. Assim, entende-se por parricídio o assassinato de um pai mítico, conceito esse que integra a investigação a que se deu o nome de metapsicologia.

Parricídio é o crime considerado primordial da humanidade; em contrapartida, inexistente matricídio como conceito explicativo da sociedade civilizada. Na psicanálise prevalece a orientação centrada no Édipo patriarcal com a teoria do pai morto e a gênese do superego. Raros os psicanalistas que abordam o assunto matricídio, conforme informou Robert Lindner em *The Equivalents of Matricide* (LINDNER, 1948).

É no regime do capital videofinanceiro que está em curso a violência contra a mãe, de que fazem parte a misoginia, o feminicídio e o infanticídio associado à pedofilia. Esse fenômeno é de cunho interclassista, ainda que os pobres sejam os mais afetados e prejudicados, cujos filhos dependem do zelo materno e de seu leite nutritivo. A educação sentimental da família nas últimas décadas foi formada vendo e ouvindo o cabaré das crianças. (VASCONCELLOS, 1998) A criança sem escola está submetida ao som e imagem televisivos, cuja mensagem é que a menina deve se prostituir para se dar bem no mercado.

Faço aqui menção a meu livro *Collor, a Cocaína dos Pobres*, em que surgiu pela primeira vez a expressão “capitalismo videofinanceiro” designando os nexos estruturais entre o banco e a televisão como fatores determinantes do processo histórico com ênfase na indústria cultural, isto é o banco processando a acumulação do capital pela tela eletrônica. Intencionava com isso oferecer alguns elementos à compreensão da realidade cultural a partir da acumulação do capital monopolista (VASCONCELLOS, 1989). O banco conectado à indústria e à televisão, a finança como o fator básico da acumulação de capital. Capitalismo de especulação, não de produção. Resultando daí o declínio do valor de uso em todas as esferas da produção econômica. No que tange à esfera doméstica é preciso acentuar que os valores de uso são produzidos pela mulher.

O trabalho doméstico realizado pela mulher é fonte primordial de exploração da força de trabalho. Portanto, é por intermédio da mãe que se faz a reprodução do trabalhador. Do útero à amamentação, seja do proletário, do subproletário, da classe média ou do burguês. Enfim, quem faz o homem é o trabalho doméstico produzido pela mulher. Os valores de uso

produzidos pela mulher, incluindo o cuidar das crianças. À mulher cabe a reprodução da força de trabalho, e essa reprodução não é paga. Há que pôr em relevo que a família brasileira está cada vez mais misógina. Trata-se de uma guerra contra as mulheres. A mãe pode trabalhar fora, mas antes de tudo é uma trabalhadora dentro de casa. Fato é que o trabalhador só se torna trabalhador por ter tido uma mãe que cuidou dele na infância. Hoje o que se observa é que a procriação está cada vez mais menoscabada pelos procriados e procriadores.

Não são poucos os etnólogos e antropólogos que reconhecem a existência do matriarcado. Entre nós destaca-se o escritor Oswald de Andrade com a filosofia acerca do matriarcado de Pindorama, que compõe um dos tópicos essenciais de sua visão de mundo (DE ANDRADE, 1990) Há muitos trabalhos literários quanto aos mitos e aos dramas teatrais referentes ao matricídio. Gilbert Murray, tradutor do grego para o inglês, sublinhou que Shakespeare não havia estudado as tragédias gregas. (MURREY, 1914) Na psicanálise já foi demonstrado que matricídio e impulso incestuoso são equivalentes. O detalhe significativo é que não é senão pela mama que se faz a aproximação entre mãe e filho de modo que o aleitamento ao seio materno é a base da construção da família.

A vida psíquica do indivíduo em sua maturidade depende inicialmente da relação entre mãe e filho. G.G Jung em *Ma Vie* chamou a atenção para um “inconsciente matriarcal”, opondo-se à teoria patriarcal que marcou o nascimento da psicanálise. (JUNG, e BURKHARDT, 1981)

Data de 1963 o livro clássico de Melanie Klein, *The Pshyco- Analysis of Children*, no qual é o seio internalizado pela criança que confere a ambivalência do amor pela mãe e o temor de ser por ela devorada. (KLEIN, 1933) Segundo Melanie Klein que discorreu sobre o matricídio em *Envy and Gratitude*, o amor pela mãe convive com o medo da mãe, o que é uma maneira de sublinhar desde o nascimento o conflito entre os instintos da vida e os instintos de morte. (KLEIN, 1975)

A violência misógina contra a mulher é frequentemente tematizada pela crônica policial, o que não deixa de recolocar a questão da organização mamífera da sociedade. A glândula mamária é um fenômeno biológico condicionado a fatores sociais e econômicos, como evidenciou de modo pioneiro o médico Silva Mello. A criança é um lactante (a sucção leva a glândula a produzir mais leite) que não está infensa ao trauma da agalaxia no seio materno. (KLEIN, 1975) A ocorrência da escassez de leite no seio materno permanece um problema grave por todo o decurso da infância. Trata-se de um fator determinante na personalidade humana a lactação, ora feita no seio, ora na mamadeira. Vale sublinhar que no início da década de 60, simultaneamente à atividade clínica de Silva Mello que trouxe da

Alemanha a disciplina de gastroenterologia para o Rio de Janeiro, o psicanalista Jacques Lacan foi categórico em *Angústia*: “Na criança, a angústia da falta da mãe é a angústia do ressecamento do seio”. (LACAN, 2005, p.257). O médico Silva Mello foi pioneiro em apontar a causa da agalaxia materna na alimentação, que é resultado de uma agricultura fóssil feita com adubo nitrogenado originado do petróleo.

A infraestrutura energética do capitalismo videofinanceiro é a economia do combustível fóssil, na qual vai sendo eliminado o leite do peito da mãe, o leite humano é substituído por uma amamentação artificial, cujas consequências são desfavoráveis à saúde das crianças. Infere-se dessa ruptura afetiva e alimentar entre mãe e filho a atitude ambígua de atração e repúdio ao seio, repúdio esse que pode ser considerado um dos fatores da crescente misoginia na contemporaneidade. A angústia infantil perante o secamento do seio da mãe corresponde ao descenso progressivo do valor de uso, o que acaba por interferir na alimentação da mãe e, por conseguinte, na amamentação da criança. Que se observe o leite produzido pela indústria e que se encontra à venda nas prateleiras das farmácias e dos supermercados: Nan, Nestogeno, Aptamil, Enfamil, Milnutri.

Na formação oral da personalidade da criança quase tudo concentra-se no seio materno, como mostrou Melanie Klein no que tange aos impulsos sádicos e masoquistas que permanecem na idade adulta. Surge aqui a questão crucial do abandono do seio ou do seio abandonado. É que a criança mal amamentada, ou que não mamou, tomando-se adulta muitas vezes insurge-se contra a mãe. Revela observar que na indústria cultural (cinema e televisão) quase não há cena em que a mãe dá de mamar à criança, ou seja, o seio como fonte de alimentação não é objeto fílmico. No capitalismo videofinanceiro o fetiche publicitário do seio “*sexy*” elide a função alimentar do leite materno, assim o seio da mãe associa-se à ansiedade e ao instinto de morte, decorrendo daí o repúdio materno e, no limite, o matricídio como um de seus condicionantes culturais.

Em pesquisa etnológica sobre o período pré-descobrimento Luís da Câmara Cascudo negou ter havido regime matriarcal, todavia deixou evidenciado o papel decisivo da mãe na conformação psíquica e cultural do homem do povo. *Sob as Ordens de Mamãe*, assim intitulou Oswald de Andrade o seu livro de memória sentimental. Não faço aqui distinção entre folclore e cultura popular ao ressaltar a função primordial da mãe nas diversas regiões geográficas do país. No antigo matriarcado de Pindorama a mãe era tudo, o filho pertencia à mãe, era a mãe protetora. O começo da civilização é androcêntrica, e a cada mulher assassinada na atualidade somos lembrados que, por abdução, feminicídio é a um só tempo matricídio e infanticídio.

Em seu ensaio de elevado rigor teórico, escrito em 1930, “A antropofagia como visão de mundo”, publicado somente em 2023, a abordagem etnológica dialoga com Karl Marx, citando o bolchevista Vladimir Lenin, que, segundo Oswald de Andrade, se insurgiu contra a tradição do pai cristão romano. Para o escritor modernista, “os filhos são da tribo, que é geralmente composta em feição de matriarcado infantil totemista”. (DE ANDRADE, 2022, p. 521)

A mãe é o primeiro objeto identificável do desejo. Durante determinado período mãe e criança não se distinguem entre si. A vida psíquica do indivíduo começa com o relacionamento inicial entre mãe e filho. A psicanálise mostra a clivagem entre a boa mãe e a má quanto aos impulsos instintivos da criança. Melanie Klein chega a afirmar que a criança é o vampiro da mãe. Há crianças que recusam o peito, outras machucam-no. Quanto às necessidades emocionais da criança, a existência da mãe põe e repõe a pergunta: o que quer a criança? Melanie Klein em seu clássico livro *The Pshyco-Analysis of Children* sublinhou o sentimento de ambivalência: amor pela mãe e terror de ser por ela devorada. (KLEIN, 1933) Há desde o nascimento conflito entre os instintos de vida e de morte. Ódio e agressividade dirigidos à mãe e ao pai. O amor da mãe convive com o temor da mãe.

É digno de reparar a ausência do verbete “pai” no *Dicionário do Folclore Brasileiro* de Luís da Câmara Cascudo. Na Amazônia é conhecida a nomenclatura que designa a figura da mãe: Ci, Iaci, Coroaci. Antes da vinda do colonizador o indígena é biológica e culturalmente conformado mais pela mãe do que pelo pai. Fato é que o pai torna-se desnecessário se há virgens parideiras. A presença paterna se consubstancia na couvade com o pai fingindo ser mãe da criança, ou seja, o nascimento do filho parido do pai. Há desde o século XVI a polaridade entre Ci e couvade, o primeiro cerimonial valoriza a paternidade, enquanto Ci enaltece a mãe. Faço menção aqui ao psicólogo Donald Winnicott, aludindo à *Conversation Ordinaire* couvade e ao mito original de Arlequim como o homem que dá luz a filhos. (WINNICOTT, 1988) Por conseguinte é compreensível a curiosidade em saber o que tem sido o pai na sociedade brasileira, um derrotado com sentimento de frustração em não poder melhorar o nível de vida de seus filhos, ou senão um pai ausente, fraco e irresponsável que abdica da paternidade. A importância da família entre nós é superestimada porque é a única instituição social que o povo confia.

O comportamento misógino na contemporaneidade deve ser explicado na interação entre os membros da família, embora sobre isso não tenha a meu dispor os elementos empíricos, a não ser o sexismo dos meios de comunicação junto com a reificação pornográfica do corpo da mulher. Para não psicologizar a violência machista é mister aludir

ao pauperismo como um fator que atormenta a família. A agressividade feminina exacerbou-se nas últimas décadas sob o signo da extrema direita. Na morfologia familiar a mãe é vista como a principal causa do mal-estar neurótico.

Uma observação do médico Silva Mello em meados dos anos 50, um dos nossos primeiros autores a escrever sobre Freud, que merece ser considerada: “a bondade e a doçura tão apregoadas dos brasileiros não estão ou não estiveram ligadas à amamentação no seio, que foi tão geral em nosso país? E a nossa afinidade pela gente de cor não pode ser uma reverberação da nossa mãe preta?” (DA SILVA MELLO, 1966, p.89) Mais importante do que constatar a influência de *Casa Grande e Senzala* de seu amigo Gilberto Freyre, é ressaltar a neurose agressiva e criminal posta em relevo pelo médico mineiro: “também está verificado que a criminalidade é muito menor em crianças amamentadas no seio do que nas que recebem alimentação artificial”. (DA SILVA MELLO, 1966, p. 90)

Não é de pouca monta na vida psíquica do ser humano o sentimento infantil em relação ao seio da mãe: ou o leite é liberado de maneira muito rápida ou devagar. Se mamou pouco ou se mamou na hora certa. (KLEIN, 1984) Há o desejo de agradar a mãe assim como o mal-estar da criança por causa de seus impulsos destrutivos e da sua ansiedade persecutória. É mister deixar assente que não estou a sugerir que o ataque sádico da criança ao peito da mãe predispõe necessariamente o adulto ao matricídio. Destarte, o fenômeno de que estamos tratando reveste-se de um caráter menos individual do que coletivo. É quando na história do capitalismo o seio da mãe perderá o seu valor nutritivo por causa da hipogalaxia, a partir da qual tem início um processo inconsciente ou consciente de desqualificação da mulher em geral.

Reconheça-se a homologia entre a diminuição progressiva das crianças amamentadas no seio e a agressividade matricida do adulto, assim como é inegável o nexos entre o secamento mamário e a devastação ecológica produzida pela agricultura fóssil do capitalismo videofinanceiro. Disso um subproduto ideológico é a desqualificação cultural do seio materno pela publicidade cosmética das estrelas de cinema e de televisão. O homem seja irmão e marido culpabiliza a mãe que é humilhada e agredida, sendo agredida até pela filha. O varão vê no rosto da mãe, o seu primeiro espelho, a responsável pelo seu infortúnio.

A mulher que trabalha em casa não é remunerada, e o marido precisa que ela trabalhe fora de casa, ainda que não veja isso com bons olhos. O homem traz o dinheiro, mingauado que seja, e exibe o poder monetário e fálico por ser o provedor da casa. O homem reage negativamente ao fato de a mulher trabalhar fora de casa. Possivelmente o feminicídio está

crescendo associado à fantasia da traição e ao desejo, ainda que não seja verbalizado, de ser traído.

Não há como negar o caráter enigmático do voto feminino dado a um candidato machista de extrema direita como aconteceu nas eleições de 2018. Dentre os vários traços através dos quais poder-se-ia conceituar a extrema direita é a condescendência cínica ante a violência real e simbólica perpetuada contra a mulher, a mãe e a filha. A hipótese de que lanço mão, vinculada ao machismo, ao sexismo e à misoginia, sobre a sedução exercida pela extrema direita é a existência de uma ontologia social matricida.

No governo de Jair Bolsonaro várias vezes foi declarado publicamente o seu ódio criminal à mulher fazendo coro à parenética neurótica e mercenária dos pastores evangélicos apregoando que a mulher não deve trabalhar senão dentro de casa, embora isso esbarre, como já foi anteriormente dito, no fato de que ela precisa contribuir no orçamento da família, então dessa ambiguidade talvez decorra a agressiva reação machista.

A ênfase na estrutura da família – pai, mãe e filho – tem por mediação decisiva a televisão a partir dos meados dos anos 60. A retórica evangélica na televisão traz o ódio ao corpo da mulher, a mulher como pecadora e portadora do instinto da morte. Lembro o episódio de um “bispo” psicótico de Edir Macedo chutando Nossa Senhora da Aparecida, que é considerada a mãe negra dos católicos. Mais do que constatar o repúdio ao seio da mãe na extrema direita, seria preciso analisar que tal repulsa encontra-se nas relações sociais e entre os membros da família, e como isso repercutiu na ideologia da “identidade de gênero” nas eleições presidenciais de 2018. Consoante a investigação de Robert Stoller, gênero é sentimento de “identidade sexual”, enquanto sexo é a diferença anatômica entre macho e fêmea; todavia para a extrema direita está interdita a opção cultural diante do sexo. (STOLLER, 2020) Nas eleições presidenciais a oposição foi acusada de abolir nas escolas as diferenças sexuais, assim a menina tornar-se-ia lésbica e o menino homossexual com a “ideologia de gênero” consubstanciada no “Kit Gay”.

A teoria psicanalista de Melanie Klein serviu-me para tentar compreender a expansão do matricídio no capitalismo videofinanceiro. Há na criança o sadismo e a culpa diante do seio materno como seu primeiro objeto de desejo. A primeira edição de *The Psychoanalysis of Children* data de 1933, antes portanto do surgimento da televisão durante a Segunda Guerra Mundial. No Brasil a violência doméstica contra a mulher aumentou com a extrema direita, mas antes disso há que se reportar ao período colonial e à gestação da família, conforme sublinhado por vários antropólogos, notadamente por Darcy Ribeiro. O filho envergonha-se da mãe por ser índia ou negra, daí querer identificar-se com o pai branco europeu, só que este

o rechaça. O filho é rechaçado pelo pai que representa a classe dominante, em geral de cor branca. A rejeição é dupla: o filho rechaça a mãe e ao mesmo tempo é rechaçado, do que se depreende daí o sentimento de ninguendade, o sentimento de não ser coisa alguma, de não ser ninguém. A ninguendade não se rebela contra o pai e sim contra a mãe. Esse é o celerado fato psicossocial que preside a fundação da família no Brasil patriarcal e que repercute no cenário contemporâneo.

A mulher está na filha, na mãe e na mãe da mãe. O matricídio materno é um impulso que está no pai, no filho e, pasmem, na filha que repudia tudo o que nela há da mãe. O núcleo da relação mãe e filhos encontra-se na amamentação. Seja o assassinato da mãe real ou simbólico, a gênese dessa atitude é a mamafobia cultural, porquanto as glândulas mamárias só existem no sexo feminino, os mamilos dos machos não dão leite.

Quanto ao matricídio é necessário buscar sua explicação causal e as conexões estruturais entre classe, gênero e raça. O racismo no matricídio se manifesta entre outras coisas pelo repúdio racista às religiões populares, como é o caso do Candomblé, no qual as mães de santo, as sacerdotisas da macumba sempre tiveram papel importante. Mãe d'água, mãe da lua, mãe da peste, mãe da cobra, mãe do fogo, mãe do terreiro. O livro de Arthur Ramos, *Estudos de folclore* de 1958, prefaciado por Roger Bastide, quando este ainda lecionava antropologia na Universidade de São Paulo, é uma investigação acurada sobre a mãe na cultura popular: da mãe protetora à “mãe fálica”, incluindo a fantasia infantil acerca do “parto pelo ânus”. (RAMOS, 1958)

No que tange à extrema-direita e sua violência contra a feminilidade (à mãe atribui-se a responsabilidade pelo mal estar neurótico da família) acudiu-me a formulação de Wilhelm Reich em seu livro *Psicologia de Massas do Fascismo* sobre a emergência de Hitler e Mussolini (RAMOS, 1973). Wilhelm Reich assinalou que Hitler foi desejado pela família pequeno burguesa enlouquecida em uma sociedade conformada pela indústria cultural, o que converge com a análise sociológica de Theodor Adorno em sua pesquisa empírica nos Estados Unidos acerca do vínculo entre radiofonia e a predileção por personalidades autoritárias. (ADORNO, 2019)

Na indústria cultural a influência decisiva entre nós é a da telenovela e do programa de auditório amalgamados com as novas tecnologias de informação como WhatsApp e Youtube. Há mais de 50 anos a telenovela e os programas de auditório influenciam a opinião pública, não só no âmbito dos costumes, como também na escolha do voto. Segundo Theodor Adorno, depois dos aparatos da comunicação de massa, o que coincide com a ascensão do

nazifascismo na Europa e do New Deal nos EUA, a socialização psíquica dos indivíduos não pode ser entendida sem a presença da indústria cultural. (ADORNO, 2019)

O que lemos em *A Dialética do Iluminismo* é que na sociedade atual a indústria cultural substitui a influência do pai e da mãe na formação das crianças. Data de 1970 a análise feminista marxista sobre o que significa, em âmbito doméstico, a força de trabalho feminina não assalariada. O ponto de vista pioneiro sobre a mãe como reprodução social coube a Margaret Benston ao focalizar a exploração da mulher dentro de casa, trabalho esse que não é considerado trabalho pela ideologia burguesa como um “trabalho real”. O dinheiro é a representação social da mercadoria, o que confere ao macho a supremacia familiar; em última instância a violência contra o feminino radica na moeda como valor de troca identificada ao trabalho do homem no mercado, embora as mulheres não estejam excluídas da produção de mercadorias.

A base material para o status inferior das mulheres encontra-se precisamente nesta definição de mulheres. Numa sociedade em que o dinheiro determina o valor, as mulheres compõem um grupo que trabalha fora da economia do dinheiro. O seu trabalho não vale dinheiro, é portanto sem valor e, portanto, dificilmente espera-se que valha tanto quanto os dos homens, que trabalham por dinheiro. Em termos estruturais, a condição de outras pessoas que estão ou estiveram fora da produção de mercadorias que mais se aproxima da condição das mulheres são as das servas e camponesas. (FEDERICI, 2019, p.4. Tradução de própria autoria).

A reprodução social do homem (não deslembrar que a mãe é quem procria e cuida do trabalhador na infância) é uma ocupação discriminada por ser valor de uso, ou seja, o trabalho da mulher é visto pela ótica patriarcal como improdutivo; todavia o cuidar da criança é um trabalho necessário e toda mãe, como diz Silvia Federici em *On Margaret Benston: The political Economy of Women's Liberation* (FEDERICI, 2019), é uma mulher trabalhadora, portanto a questão transcende ao gênero, pois é o capital que se interpõe na relação entre homem e mulher. Ademais, releva aduzir que gênero não diz respeito tão somente a uma semântica sexual, porquanto envolve a família humana e sua reprodução societária. Comentando o *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels, Sven-Eric Liedman observou que nessa época a classe operária não apenas aumentou, mas também feminizou-se, ou seja, aumentou o número de mulheres trabalhadoras na indústria. (LIEDMAN, 2019) O ensaísta sueco lembrou que os socialistas utópicos projetaram uma espécie de “messias feminino”, o que corresponde à androgenia contida no teatro do irlandês Bernard Shaw querendo saber se Deus não poderia ser uma mulher e Jesus sua filha.

A doutrina trabalhista de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro no Rio de Janeiro concebeu um programa de educação consubstanciado no CIEPS em que o alvo era o tempo integral escolar visando a estreitar os laços biológicos e culturais entre a mãe e a criança. Ancorados nas experiências do educador Anísio Teixeira, os CIEPS funcionavam como o útero da mãe solteira pobre. Darcy Ribeiro verificou que as crianças descolarizadas, vítimas da opressão de classe, eram em sua maioria filhos de empregadas domésticas e abandonadas pelo pai. É sabido que as pessoas mais pobres, qualquer que seja a sociedade, são as mulheres (AMIN, 2003).

Escrita a partir de meados dos anos 60 em Montevidéu, a antropologia dialética de Darcy Ribeiro antecipou a escola de tempo integral, sem que se olvide que em seus estudos sobre os índios reparou que os padres jesuítas foram os primeiros a utilizar as mulheres como empregadas domésticas. (RIBEIRO, 2017). Os CIEPS representam o antípoda do regime patriarcal capitalista, sobretudo se a análise incidir na questão da mulher trabalhadora e o seu exíguo tempo de lazer. A militância política de Darcy Ribeiro na década de 80 amalgamou sexo, raça e classe social (VASCONCELLOS, 2015).

Há quem diga, e não são poucos, que a violência misógina não aumentou nos últimos anos, teria apenas havido maior divulgação, por conseguinte seria um equívoco conectá-la à emergência de uma extrema direita machista e criminal. Discordo dessa ressalva, embora reconheça que somos desde início uma sociedade com família patriarcal em que o homem macho e branco teve completo controle sobre a mulher, os filhos e os escravos.

Houve violência contra a cunha indígena, contra a negra africana e contra a mestiça descendente de ex-escravos. O genocídio capitalista desde o século XVI esteve vinculado à opressão da mulher. É surpreendente, mas não carece de lógica sociopsicológica, que os filhos das classes subalternas se voltem contra a figura materna, responsabilizando-a pelas suas agruras. A extrema direita juntou a mamadeira de piroca, o onanismo infantil, a discriminação patriarcal, a tirania evangélica do jejum, o repúdio à culinária afro-indígena, o ataque à homossexualidade como enfermidade e a infância corrompida pela pedagogia “comunista”. Seria faltar no entanto com a verdade afirmar que o comportamento misógino tivesse sido ensinado ou inventado pela extrema direita, mas não há dúvida que esta erigiu a misoginia como sua programática a qual é indissolúvel da devastação ecológica do capitalismo videofinanceiro. Há inegável interação entre a natureza (a floresta derruída) e a atitude anti-mamária do ponto de vista biológico.

O ódio às mulheres, que não é senão o medo delas, contrasta com o respeito pela mãe que muitos autores reconhecem ter havido na cultura popular, não obstante as contradições do

domínio patriarcal machista e opressor. Não por acaso ouvimos no cotidiano que pancada de mãe não dói. Mãe só tem uma. Nas brincadeiras infantis pode tudo, menos falar mal da mãe, que é um tabu verbal. É conhecido o adágio: mãe é sangue, pai é sustento. O Brasil amanhecendo na história foi povoado por filhos mestiços de ventre indígena. As mulheres brancas somente chegaram no século XIX. A atitude do colonizador foi sempre hostil e predatória em relação à mãe indígena.

O psiquiatra ítalo-brasileiro José Ângelo Gaiarsa observou que não há sindicato das mães. O fundamental, em termos de análise de classe, é o trabalho não pago na esfera doméstica. Na história do capitalismo, a acumulação primitiva foi realizada de maneira vândala, explorando o trabalho infantil e o trabalho das mulheres. Fato é que a mulher faz o trabalho doméstico não remunerado, integrando a classe trabalhadora ora na economia informal, ora no exército industrial de reserva. Na verdade, não existe trabalhador que trabalhe mais do que a mulher (GAIARSA, 2017).

Robert Stoller criou a noção de “gênero” que teve enorme repercussão cultural e política como sinônimo de identidade sexual. O seu livro *Sex and Gender* foi publicado em 1968 (STOLLER, 2020). Curioso é que de maneira deformada e com má fé, reverberou (trazida dos Estados Unidos) a denominação “ideologia de gênero” nas eleições de 2018. A extrema direita matricida consagrou-se vitoriosa sendo votada com predominância por homens acima de 40 anos.

É sabido que a expressão “identidade de gênero” está associada a Robert Stoller que trabalhou como médico pesquisador no Gender Identity Research na Califórnia. Foi a partir dessa experiência que fez a seguinte clivagem: “gênero é um termo que tem conotações psicológicas e culturais ao invés de biológicas. Se os termos apropriados para sexo são “macho” e “fêmea”, os termos correspondentes para o gênero são ‘masculino’ e ‘feminino’, e estes últimos podem ser independentes do sexo biológico” (STOLLER, 2020, p.9).

O enfoque psicológico da noção de gênero, posto em relevo por Robert Stoller, é que a feminilidade ou a masculinidade independe da genitália externa dos meninos e das meninas. Assim, a escolha sexual por influência cultural define a identidade (o sexo desejado), indo além da distinção anatômica, portanto a palavra “perverso”, segundo Robert Stoller, deveria ser usada com cautela quanto às práticas sexuais. Meio século depois de publicado esse livro sobre o gênero sexual, coincidindo com a multiplicação pelo mundo afora dos movimentos feministas com ramificações marxistas e denúncias contra o capitalismo racial, surge no Brasil uma extrema direita misógina que acusa o Partido dos Trabalhadores de querer

implantar a “ideologia de gênero” nos colégios com objetivo de homossexualizar os meninos e lesbianizar as meninas. (STOLLER, 2020).

A direita subdemocrática é liberal do ponto de vista da economia e não pode abdicar por injunção externa das superexploração do trabalho que convive com a não incorporação da população como força de trabalho. Por conseguinte, o matricídio integra a ideologia genocida dominante. Em passado recente era a esterilização das mulheres pobres que indignava Darcy Ribeiro ao indagar sobre o que é ser mãe na sociedade subdesenvolvida, dependente, patriarcal, racista e sexista.

Referências

- ADORNO, Theodor. (2019), **Introdução a “A Personalidade Autoritária”**. Editora UNESP.
- AMIN, Samir. (2003), **Le virus libéral**. Le temps des cerises.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (2017), **Tradição, ciência do povo**. GLOBAL EDITORA.
- DE ANDRADE, Oswald. (1990), **Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe**. São Paulo: Globo.
- DE ANDRADE, Oswald. (1999), **Manifesto Antropófago**. Civilização Brasileira.
- DE ANDRADE, Oswald. (1950), **A Crise da Filosofia Messiânica**. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais.
- DE ANDRADE, Oswald. (2022), **Diário Confessional**. Companhia das Letras.
- EDWARDS, Zophia. (2021), **Racial capitalism and COVID-19**. Monthly Review, v. 72, n. 10, p. 21-32.
- FEDERICI, Silvia. (2019), **On Margaret Benston The Political Economy of Women's Liberation**. MONTHLY REVIEW-AN INDEPENDENT SOCIALIST MAGAZINE, v. 71, n. 4, p. 35-39.
- GAIARSA, José Ângelo. (2017), **Cartilha da Nova Mãe**. São Paulo, Editora Ágora.
- JONES, Ernest. **Hamlet and Oedipus**. (1954), Garden City: Anchor-Doubleday, v. 195.
- JUNG, Carl Gustav, e BURCKHARDT Salomé. (1981), **Ma vie**. Gallimard.
- KIBERD, Declan. **Inventius Ireland**. (2009), Vintage Book, London, p. 429.
- KLEIN, Melanie. The Writings of Melanie Klein. (1975), **Envy and Gratitude and other works 1946 - 1963**, The Free Press.

_____. **The Psychoanalysis of Children.** (1933), *The Sociological Review*, v. 25, n. 3.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 10: a angústia.** (2005), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LIEDMAN, Sven-Eric. (2018), **A World to Win: The Life and Works of Karl Marx.** Verso Books.

LINDNER, Robert M. (1948), **The equivalents of matricide.** *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 17, n. 4, p. 453-470.

MELLO, Antônio da Silva. (1966), **Assim Nasce o Homem.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MILES, Angela. (1993), **Margaret Benston's: Political Economy of Women's Liberation: International Impact.** *Canadian Woman Studies/les cahiers de la femme*.

MURRAY, Gilbert. (1914), **Hamlet and Orestes: a study in Traditional Types.** Oxford University Press American Branch.

RAMOS, Arthur. (1914), **Estudos de Folk-lore.** Casa do Estudante do Brasil, p. 158.

REICH, Wilhelm. (2019), **Psicologia de massas do fascismo.** v. 3, 1973. Editora Martins Fontes.

RIBEIRO, Darcy. (2017), **Os índios e a civilização.** Global Editora e Distribuidora Ltda.

STOLLER, Robert J. (2020), **Sexo e Gênero: O desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade.** Routledge.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. (1998), **O Cabaré das Crianças.** Espaço e Tempo.

_____. (1989), **Collor: a cocaína dos pobres, a nova cara da direita.** Ícone Editora.

_____. (2015), **Darcy Ribeiro: a razão iracunda.** Florianópolis. Ed. Da UFSC.